

Formação em Museologia e as conquistas da sociedade democrática: o curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia¹

258

MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol. 8, n.º 16, Jul./ Dez. de 2019

Maria Célia T. Moura Santos²

DOI 10.26512/museologia.v8i16.27324

Resumo

A partir da narrativa de suas vivências em atividades de pesquisa, ensino e extensão, no Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como estudante e professora, até sua aposentadoria, em 1997, a autora faz uma aproximação com o tema do IV Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS), identificando as teias de relações e os caminhos percorridos, buscando indicadores de uma atuação participativa e transversal, no interior da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA e fora da Universidade. Ressalta a participação do Curso da UFBA na formulação e implantação da Política Nacional de Museus, citando exemplos de resultados alcançados com as ações do Projeto-Piloto do Eixo 3 da Política Nacional de Museus – Formação e Capacitação de Recursos Humanos –, implantado em Salvador-BA. Faz uma reflexão sobre as contribuições advindas para o desenvolvimento do campo museal, na atualidade, ressaltando a participação ativa dos demais cursos, dos profissionais, dos estudantes e dos vários atores sociais que se alinham e ainda se alinham em torno da construção de sociedades democráticas, nos inspirando para novas possibilidades de ação-reflexão-ação.

Palavras-chave:

Formação em Museologia. Curso de Museologia da UFBA. Política Nacional de Museus. Programa de Formação e Capacitação em Museologia – Projeto-Bahia.

Abstract

From the narrative of her experiences in research, education and extension, in the course of Museology of the Federal University of Bahia (UFBA), first as a student and after as a teacher, until her retirement, in 1997, the author makes an approach to the theme of the 4th Brazilian Seminar of Museology (SEBRAMUS), identifying the webs of relationships and the paths traversed, seeking significant performance indicators, within the Faculty of Philosophy and Humanities of the University and outside the University. Highlights the participation of the Course of UFBA in formulation and implementation of the national museums policy citing examples of results achieved with the actions of the Pilot Project of Axis-3 of National Museum Policy – Formation and Training of Human Resources, developed in Salvador-BA. Makes a reflection on the contributions coming to the improvement of the museological field, at present, noting the active participation of other courses, of professionals, students and the various social actors who lined up and even line up around the building democratic societies, inspiring us to new possibilities of action-reflection-action.

Keyword:

Training in museology. Course in Museology at UFBA. National Museums Policy. Training and Capacity Building Program in Museology – Project-Bahia.

¹ Texto elaborado para a Mesa-Redonda intitulada A Formação em Museologia no Brasil e as Conquistas da Sociedade Democrática UFBA, UniRio e USP, realizada no IV Seminário Brasileiro de Museologia – SEBRAMUS, UNB-Brasília-DF, no período de 29 de julho a 1 de agosto de 2019.

² Maria Célia Teixeira Moura Santos é professora aposentada da Universidade Federal da Bahia – Curso de Museologia, Museóloga, Mestre e Doutora em Educação. Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Museologia Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa – Portugal. É consultora nas áreas da Museologia, da Educação e da Gestão e Organização de Museus. Tem vários livros e artigos publicados.

Assim como nós, os homens do passado foram sujeitos de iniciativa, de retrospectção e de prospecção. As consequências epistemológicas desta consideração são consideráveis. Constatar que os homens do passado formularam expectativas, previsões, desejos, temores e projetos é fraturar o determinismo histórico, reintroduzindo, retrospectivamente, contingência na história.

Paul Ricoeur (2012, p. 347)

Introdução

Foi com alegria que participei do IV Seminário Brasileiro de Museologia - SEBRAMUS. Comporei a mesa de abertura com o Prof.^o Ivan Sá e com a Prof.^a Cristina Bruno, companheiros de longas caminhadas, permeadas de afeto, respeito, humor e muita luta, me encheu de contentamento. Para os dois, deixo minha gratidão e respeito.

Destaco, também, a emoção e o prazer de participar do IV Seminário Brasileiro de Museologia com a presença de professores e pesquisadores de Cursos de Museologia de várias regiões do País, tendo como objetivo proporcionar a realização de discussões acadêmicas no campo da Museologia, fato impossível de acontecer, com essa dimensão, antes da Reestruturação e Expansão das Universidades Federais-REUNI, instituída pelo Decreto no 6096, de 24 de abril de 2007, como uma das ações que integraram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Aos participantes do seminário deposito minha esperança na renovação, na possibilidade de enriquecimento mútuo e de contribuição efetiva para a construção de sociedades mais justas e igualitárias. Agradeço, pois, à Comissão Organizadora o convite e os parabéns pela realização deste Seminário.

Construí minhas reflexões, a partir do tema proposto “Formação em Museologia no Brasil e as conquistas da sociedade democrática”, aproximando-o de minhas vivências no Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como estudante e como professora, até a minha aposentadoria, atuando com ensino, pesquisa, extensão e gestão, no período compreendido entre março de 1974 e abril de 1997. Compreendo que o registro desse caminhar só é possível de ser feito com o olhar de hoje, sem deixar de incorporar, também, as experiências vividas, que incluem o meu período pós-aposentadoria, ambos marcados por um vigoroso envolvimento de alunos, professores, trabalhadores de museus e membros de diferentes grupos sociais. A minha atuação, no presente, está repleta de marcas das minhas vivências na UFBA e, estas, acredito, também podem enriquecer os cursos de agora. Nesse contexto, e somente assim, as reflexões sobre esse caminhar têm sentido. Assim como Raimundo Martins e José da Silva Ribeiro (2017), considero que o valor epistemológico e existencial da experiência está ligado às narrativas como uma maneira de ensaiar, refletir e rememorar episódios, vivências e afetos, possibilitando outras visões de eventos e coisas, articulando práticas subjetivas do processo de investigação, com aprendizagens construídas ao longo da vida.

Buscando situar as vivências acadêmicas que considero possam ter contribuído para a construção do lastro de formação em Museologia na UFBA, aproximando-o das conquistas e da construção de uma sociedade democrática, estructurei este pequeno ensaio, em três tópicos. No primeiro – Tecendo laços: as brechas e o caminhar – com o auxílio de fontes documentais tais como rela-

tórios, textos reivindicatórios, pareceres, currículos, cartas de eventos, programas, planos de disciplinas, depoimentos e textos por mim já elaborados sobre o tema, busco identificar as teias de relações, os caminhos percorridos, aproveitando as brechas, os indicadores de uma atuação participativa no interior da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA e fora da Universidade. Destaco, também, as ações de ensino, pesquisa, extensão e gestão, que acredito tenham pavimentando o caminho para a convivência com uma sociedade democrática. No segundo tópico – O sonho, a régua e o compasso: as conquistas da sociedade democrática -, reflito sobre a ampla rede de interação que foi gradualmente estruturada a partir da participação dos profissionais que atuavam nos museus, dos professores e alunos do curso de Museologia, dos gestores nas esferas federal, estadual e municipal, registrando, discutindo e avaliando o processo de apropriação da Política Nacional de Museus, no Estado da Bahia e de sua expansão em outros Estados da Federação. No terceiro e último tópico – A chama é bela e alta: cantemos a canção da vida - tendo como referencial o nosso caminhar e o contexto atual, lanço um olhar mais ampliado sobre as contribuições advindas para o desenvolvimento do campo museal, ressaltando a participação ativa dos demais cursos, dos profissionais, dos estudantes e dos vários atores sociais que se alinharam e ainda se alinham à nossa esperança democrática buscando criar novas possibilidades de ação-reflexão-ação, mantendo a chama acesa, alta e bela.

Tecendo laços: as brechas e o caminhar

E umas das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi criadora de minha própria vida. (Lispector, 1998, p. 26)

Neste item, lanço um novo olhar sobre registros e reflexões apresentados em textos por mim já elaborados sobre o caminhar do curso de Museologia da UFBA, aproximando-o do tema sugerido para o IV SEBRAMUS, com o objetivo de situar o contexto de sua criação, com destaque para a participação de alunos e professores, bem como de diversos grupos sociais considerando-os como um dado relevante, acreditando que o processo ideológico não pode ser compreendido de forma linear, ou seja, fora do processo de contradição que também o perpassa: “Os processos sociais estão inseridos em relações dialéticas por forças que dão origem à sua própria superação. É obvio que isso não ocorre de forma mecânica, o que exige a intervenção e a decisão de cada um de nós.” (Severino, 1986: 95). Assim, se acreditamos que a educação faz parte do processo de dominação, da mesma forma, e, **apesar de**, compreendemos que no processo de resistência e superação a essa dominação, podemos contribuir para uma prática social transformadora. Assim, busco apresentar e discutir aspectos que considero tenham sido relevantes, no sentido de fornecer as bases que pavimentaram o caminho para a atuação do curso de Museologia da UFBA, em uma sociedade democrática. Retomando a epígrafe inicial da introdução deste texto, de Paul Ricoeur (2012), considero que como homens e mulheres do passado formulamos expectativas, previsões, desejos, temores e projetos, e fraturamos o determinismo histórico. Sim, acredito que as consequências epis-

temológicas desta consideração foram relevantes em nossa prática docente, envolvendo a pesquisa, o ensino, a extensão³.

O curso de Museologia da UFBA foi criado em 1970. O contexto não favorecia o pensamento crítico, as transformações e o trabalho criativo. Vivíamos o período mais duro da ditadura militar, implantada em 1964. A censura estava institucionalizada, a tortura aos presos políticos corria solta e os movimentos sociais estavam desagregados. O sistema escolar, em todos os níveis, sofria, na pele dos professores e dos estudantes, os efeitos da repressão, bem como os artistas e intelectuais que se sentiam podados em seus direitos de liberdade e contestação (Habert, 1992). Enquanto isso, uns poucos museus contavam com algum apoio e incentivo, pois, essas instituições, permaneciam, no cenário nacional, como meros espaços destinados a guardar objetos produzidos por determinadas camadas da sociedade, apresentando em suas exposições mensagens que se esgotavam na análise do passado e no objeto, por si só. Era a fase do memorial, do culto ao herói e à personalidade, condizentes com o regime. Buscava-se, por meio das atividades de preservação, autenticar a nação, como uma realidade nacional. As instituições eram cristalizadas, percebidas como independentes dos indivíduos que as concebiam. Os poderes social, político, econômico e militar estão sempre pensando na acumulação de objetos duradouros e controlam a passagem do transitório para o durável, em um processo em que a alienação material vem junto com a alienação imaterial (Mensch, 1987). A esse respeito, é interessante a fala do Prof.º Mário Moutinho:

Como eram tranquilos os dias, em que sabíamos exatamente o que era um museu e aquilo que não era. Quando os museus serviam apenas para mostrar ou glorificar a história de qualquer coisa, ou quando só mostravam as suas coleções e arquivos, herdados, coletados, comprados, saqueados ou oferecidos. Os Museus eram tranquilos enfrentando apenas os problemas de armazenamento, preservação e eventualmente de documentação. Quando existia uma narrativa essa era apenas um discurso elementar sustentado na ideologia oficial. (Moutinho, 2014, p. 9)

Neste contexto, era natural que o documento da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, realizada em 1972, permanecesse nos gabinetes, sem que os professores e estudantes de Museologia da UFBA a ele tivessem acesso durante os anos de 1970. **Apesar de**, em 1973, os alunos da primeira turma do curso de Museologia enviam ao Governador do Estado documento destacando a necessidade de se considerar os problemas existentes nos museus do Nordeste, como resultado de um Seminário de Museologia, realizado em Salvador, no período de 20 a 28 de junho de 1972. Em 1973, há o registro de 14 museus no Estado da Bahia e 54 na região Nordeste.

Em relação à prática da escuta e da participação de diferentes atores sociais na programação dos museus é interessante destacar, também, a atuação da primeira turma do curso de Museologia e seu impacto na Cidade do Salvador. Em agosto de 1974, é realizado pelas museólogas Valdete Celino, Neusa Borja e Maria Célia Santos, o primeiro estudo de público do Museu de Arte Sacra da

3 O convite a mim feito para participar do IV SEBRAMUS me motivou a rever e trazer para os muitos cursos de agora, reflexões e narrativas já apresentadas em outros textos, todos referenciados na bibliografia. Com olhar contemporâneo, compreendo que fraturamos o determinismo histórico, compreendemos a História como possibilidade e continuamos estimulando novas inspirações.

UFBA, com o objetivo de se coletar dados para o planejamento das atividades a serem desenvolvidas junto aos visitantes do museu. Em seguida, foi implantado no Museu de Arte Sacra o primeiro setor educativo dos museus da Cidade do Salvador. De 1974 a 79, foram realizados vários projetos com alunos e professores das redes estadual e particular de ensino, no Museu de Arte Sacra da UFBA, bem como programações de cursos, de exposições temporárias, cursos para os funcionários do museu, encontros com professores, todos envolvendo os alunos do curso de Museologia, atendendo às demandas apresentadas nos relatórios da pesquisa de público e dos projetos desenvolvidos com alunos e professores.

No início dos anos de 1980, os programas e projetos no Museu de Arte Sacra são ampliados e os dados coletados nos processos de avaliação das ações desenvolvidas apontavam para a necessidade de avançarmos, no sentido de melhorar a qualidade das ações, que vinham sendo desenvolvidas com escolares, nos museus da Cidade do Salvador. Considerávamos que já era o momento de sairmos do estágio inicial para buscar novos métodos que fossem capazes de tornar os nossos projetos mais eficazes e participativos.

Ampliamos as fronteiras do nosso trabalho e, de forma corajosa para o contexto museológico da época, realizamos um projeto com a comunidade localizada no entorno do Museu de Arte Sacra da UFBA – Rua do Sodré e Ladeira da Preguiça –, situada no Centro Histórico da Cidade do Salvador, com uma população residente de classe média baixa e bolsões de extrema carência, com áreas de prostituição⁴. Essa comunidade era excluída das atividades do museu e não era, sequer, encorajada para visitar suas exposições. O projeto envolveu atividades de visita às residências, de escuta aos moradores e de construção conjunta das programações, que envolveram visitas programadas, cursos, atividades de recreação, na rua e nos jardins do museu. Com o olhar de hoje, percebo que mesmo antes de ter contato com o documento de Santiago e com os trabalhos produzidos pelos autores envolvidos com o Movimento da Nova Museologia, tivemos a coragem de romper com muitas barreiras e abrir as portas de um dos museus mais tradicionais da cidade, naquele período, realizando ações museológicas pautadas no diálogo, na troca de saberes, no compartilhamento de informações e de experiência. (Santos, 2014, p. 87)

Durante o processo de reconhecimento do curso pelo Ministério da Educação, tivemos a participação empenhada de um grupo de alunos, que, como voluntários, dedicavam parte do seu tempo ao Colegiado, participando das atividades administrativas e acadêmicas. É importante ressaltar que esta aproximação entre corpo docente e discente foi marcante durante vários anos. No início do curso só havia, em Salvador, duas museólogas graduadas pelo Curso de Museus do Rio de Janeiro. Avalio que a nossa mobilização estudantil foi iniciada a partir das demandas em relação aos aspectos formais e estruturais de implantação do curso e pela insatisfação em relação aos aspectos técnicos, administrativos e de uso social dos museus.

4 O projeto foi elaborado como parte das atividades desenvolvidas na Disciplina Metodologia do Ensino Superior, do Mestrado em Educação, ministrada pelo Professor Visitante Michel Lonet, em 1978, quando tive oportunidade de atuar com pesquisa, ensino e extensão, de forma integrada, envolvendo os sujeitos sociais residentes no entorno do Museu de Arte Sacra, alunos e profissionais de diferentes áreas e campo de atuação, abrindo as portas do Museu e da Universidade para a sociedade. Ainda nessa disciplina, realizamos outro projeto para trabalhar com alunos do ensino médio de um colégio público da Cidade do Salvador, utilizando a Pedagogia Freinet, a partir da obra de Frei Agostinho da Piedade, ceramista Beneditino do séc. XVII, com obras expostas no Museu de Arte Sacra. A descrição e análise desse projeto encontra-se no livro de minha autoria intitulado: *Museu, Escola e Comunidade: uma integração necessária*, publicado em 1987 e constante na bibliografia deste artigo.

Em 1978, a Superintendência Acadêmica realiza uma pesquisa e diz ter chegado à conclusão de que não havia mercado de trabalho para museólogo em Salvador e resolve retirar o curso do concurso vestibular. Com a participação dos estudantes, fizemos uma campanha pela imprensa, mobilizamos políticos, houve pronunciamento no Congresso Nacional, conseguimos adesões de intelectuais e de outros segmentos da sociedade. O curso volta ao vestibular, e, desse movimento, que foi capaz de mobilizar estudantes e profissionais já graduados, surgiu a Associação de Museólogos da Bahia⁵.

A Associação de Museólogos da Bahia cresce e congrega um bom número de profissionais e estudantes. Considero que a relação entre profissionais e estudantes tenha sido extremamente salutar. A troca de experiência entre os jovens, museólogos e membros de diferentes segmentos da sociedade e profissionais de outros campos de atuação, permitia o enriquecimento de todos, com o desenvolvimento do senso crítico, da criatividade e da prática da cidadania. Realizamos vários cursos, viagens de estudo, projetos com a comunidade e organizamos, elaboramos e encaminhamos vários documentos a gestores, nos âmbitos municipal, estadual e federal, denunciando as dificuldades encontradas pelos nossos museus, as condições precárias do nosso patrimônio e a ausência de programas que pudessem aproximar os museus das escolas.

Em março de 1981, a Associação toma a iniciativa de realizar o I Encontro Nacional de Museólogos, quando, pela primeira vez, os estudantes e professores dos cursos de Museologia da UFBA, da UNIRIO e da Escola de Sociologia e Política de São Paulo discutem o anteprojeto de regulamentação da profissão. Curso e Associação caminhavam de mãos dadas, um alimentando o outro. Buscamos uma aproximação com os cursos de Museologia da UNIRIO e com o curso de Museologia do Instituto de Sociologia e Política de São Paulo.

Considero que a prática de avaliação do curso foi alimentada pelos resultados obtidos nos processos de ação-reflexão realizadas nas atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas por professores e alunos a partir dos programas das disciplinas específicas, oportunidade em que foram sendo formadas, gradualmente, verdadeiras comunidades de aprendizagem. Os resultados gerados nessas diferentes comunidades de aprendizagem, muitos dos quais por mim registrados em várias publicações, demonstram o quanto é importante trabalhar a partir da construção de um sistema orgânico, com troca de informações e de conhecimento. O estímulo à reflexão, à aplicação e à construção do conhecimento, em diferentes contextos, tornou possível reduzir o distanciamento entre o discurso e a prática, entre professores e alunos, entre a academia, as instituições museológicas e os atores sociais que estavam envolvidos com o fazer museal. Nesse sentido, destaco, também, a importância do programa de orientação de alunos ingressos no curso, a cada ano, de responsabilidade do Colegiado, cujas atividades não eram restritas somente ao acompanhamento do seu desempenho nas disciplinas da grade curricular, mas envolvia atividades diversas como visitas aos museus da cidade, informações sobre a estrutura e o funcionamento da Universidade e reflexões sobre temas e problemas relacionados com os museus, com a museologia, com o patrimônio cultural e com o mercado de trabalho – momentos importantes de aproximação, de motivação e de novas perspectivas de ação.

Em 1987, foi realizado, em Ouro Preto, o X Congresso Nacional de

5 Nesse período, só existiam, no País, três cursos de graduação em Museologia, sendo dois no Rio de Janeiro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Estácio de Sá. O da UFBA era o único existente nas Regiões Nordeste e Norte.

Museus. Naquele evento, os museólogos da Região Nordeste, participantes do congresso, decidiram conquistar um espaço no qual pudessem discutir e buscar soluções para problemas comuns. Apesar de,⁶ com determinação, foram definidas estratégias de ação, transformando aquele forte desejo em ações, com a realização de oito encontros realizados nas diferentes capitais da Região.

É importante destacar a liderança do curso de Museologia da UFBA nos Fóruns, tendo havido uma participação ativa de professores e estudantes, tanto no planejamento como na organização de todos os encontros, durante oito anos. O Fórum Nordestino de Museologia teve uma grande importância no sentido de congregar a classe (profissionais, estudantes de museologia e trabalhadores de museus) de levantar e discutir problemas, de construir e apresentar reivindicações e estimular a produção de conhecimento. (Cf. Nunes, 2000)

Vale a pena ressaltar a integração entre alunos e professores dos cursos de Museologia do País e profissionais de diferentes regiões⁷, criando laços afetivos, em um ambiente de humor, companheirismo e de estímulo à criatividade. Dentre os objetivos alcançados com esse movimento belo e inovador, destaco a divulgação de práticas museológicas criativas e adequadas às características das diversas realidades da região, das quais os cursos e os profissionais não tinham conhecimento nem estímulo para a renovação e aperfeiçoamento.

No final dos anos oitenta, há uma forte aproximação dos professores do curso de Museologia com profissionais e instituições de vários Estados da Federação, com a realização de cursos de extensão com o apoio do então Sistema Nacional de Museus, criado pelo Ministério da Cultura, em 1986. O Ensino, a Pesquisa e a Extensão, em expansão, e a utilização dos museus da UFBA como *locus* de ação-reflexão-ação, bem como a divulgação do conhecimento produzido, por meio de publicações, contribuíram, de forma significativa, para uma maior abrangência da atuação do curso de Museologia da UFBA, em todo o País.

Considero que os cursos de Museologia tiveram de uma atuação marcante, não só porque foram responsáveis pela formação dos museólogos; foram, também, vetores importantes no movimento de organização da classe, estimulando a criação das associações de museólogos, na Bahia e em São Paulo. Os anos de 1970 e 80 foram marcantes no que diz respeito à mobilização da categoria, ao intercâmbio entre os cursos e entre professores e alunos. Penso que esse rico movimento de militância, de ação-reflexão, realizado por meio de um processo participativo de interação entre alunos, professores, profissionais e grupos sociais, em diferentes contextos, proporcionou, também, avanços importantes para o curso de Museologia da UFBA.

Compreende-se, entretanto, que as dificuldades geradas pelos sistemas autoritários e paternalistas, implantados na América Latina, dificultaram e podaram a iniciativa e a participação. Entretanto, acreditamos em nossa capacidade de criar, de ter iniciativa e de transformar. Identificamos as brechas, construímos as trilhas, em busca de uma sociedade democrática, mais equitativa e comprometida com a melhoria da qualidade de vida, apesar de.

6 Os profissionais nordestinos presentes no encontro de Ouro Preto, naquele momento, se reuniram e expressaram suas insatisfações em relação a serem excluídos do programa daquele evento e de outros organizados fora da Região Nordeste, postura que identificavam como resultado do colonialismo interno, que os atingia.

7 Os Fóruns Nordestinos de Museologia, acolheram, também, profissionais, estudantes, professores e trabalhadores de museus de outros Estados, proporcionando uma troca salutar e enriquecedora para todos os participantes. É importante destacar a participação de palestrantes, coordenadores de mesas e ministrantes de cursos, oriundos de outras regiões do País e do Exterior.

O sonho, a régua e o compasso: as conquistas da sociedade democrática

Andar com fé eu vou, que a fé não costuma “faiá”.
Gilberto Gil (1996)

Em 2003, a classe museológica vivencia a experiência de construção conjunta de uma Política Museológica para o País, com o objetivo de promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do País, sonho de nossa imaginação museal, desde os anos 80, não somente porque teríamos uma “política” para o setor, mas porque, também, comungávamos com seus objetivos. Nos entregamos a essa tarefa, de corpo e alma.

Considero que o exercício de abertura para a troca, para uma atuação política durante um longo período, permitiu que o curso de Museologia da UFBA criasse um lastro importante para uma atuação marcante na formulação e implantação da Política Nacional de Museus (PNM). Cito como exemplos o detalhamento do Eixo 3 da Política Nacional de Museus e o Projeto-Piloto do Eixo 3 da PNM – Formação e Capacitação de Recursos Humanos – implantado em Salvador, em junho de 2003⁸. Antes mesmo que o Departamento de Museus (DEMU) estivesse devidamente estruturado para a sua grande tarefa, um grupo de profissionais, estudantes e professores do curso se mobilizou e criou uma comissão local, com o objetivo de promover a revitalização das instituições museológicas, atendendo à demanda de aprimoramento dos recursos humanos que estavam atuando na área da Museologia e com o patrimônio cultural. Da iniciativa local, com o apoio do DEMU, foram firmados convênios, parcerias, elaborados projetos, com a realização de várias atividades, na Capital e no interior do Estado.

A ampla rede de interação criada no desenrolar das ações do Eixo 3 da PNM, em Salvador e no interior do Estado da Bahia, tornou possível o diálogo e o intercâmbio entre profissionais de diferentes áreas de atuação, entre estágiários e técnicos, entre os museus da Capital e do interior, e entre instituições, nas esferas federal, estadual e municipal. Foram criados vários canais de comunicação a partir da organização e da gestão da comissão local, referenciados por alguns princípios básicos, tais como:

- A compreensão da Museologia e do Museu como processos;
- Ação Dialógica;
- Interlocução com outras áreas do conhecimento e com as comunidades;
- Organização e gestão participative;
- Compartilhamento de informações e experiências;
- Utilização da Tecnologia da Informação (TI), para democratização da ação museal.

As práticas desenvolvidas tiveram também como referencial as diretrizes traçadas para a Política Nacional de Museus, em especial, o Eixo 3 - Formação

⁸ Trago para este item algumas reflexões apresentadas no relatório das atividades desenvolvidas no Projeto-Piloto do Eixo 3 da PNM – Formação e Capacitação de Recursos Humanos.

e Capacitação em Museologia, buscando sempre a sua relação com os demais Eixos Programáticos da PNM. Vários integrantes do Projeto-Bahia passaram a atuar como docentes nas oficinas organizadas pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em várias regiões do País.

O primeiro ponto relevante que quero destacar é a importância da iniciativa, quando se deseja aplicar um processo museológico que tem como referencial os princípios básicos acima citados. Assumir que temos o direito de propor, de executar um processo museológico, apostando na capacidade criadora e transformadora dos indivíduos e da coletividade, talvez tenha sido essa a mola mestra para o desencadear das ações dos diversos projetos do Eixo 3, da PNM, na Bahia. Ressalto que, sem a iniciativa, a maioria das ações sequer teria acontecido. Dela, vieram a mobilização, o envolvimento, a busca de informação a determinação e a coragem de ousar, alcançados por meio de um processo gradual de interlocução constante, motivado por lideranças comprometidas com o campo museal e com o desejo forte de torná-lo espaço de comunicação e de democratização do conhecimento.

Alain Touraine (1994) comenta que a democracia é um regime político que permite aos atores sociais formar-se e agir livremente, e que são os seus princípios constitutivos que comandam a existência dos próprios atores sociais. O autor destaca que só há atores sociais se se combinar à consciência interiorizada de direitos pessoais e particularmente dos conflitos entre dominantes e dominados, e, enfim, a responsabilidade de cada um a respeito de orientações culturais comuns. Acredito que foi o movimento de tomar para si a responsabilidade de colocar em prática as diretrizes da PNM, a partir da iniciativa, enfrentando os conflitos e assumindo a responsabilidade de cada um, que tornou possível a realização das ações do Eixo 3 da PNM, na Bahia.

Quero ressaltar, entretanto, que apesar de considerar a iniciativa como o vetor principal desse rico movimento do Projeto-Bahia, foi necessário que ela estivesse apoiada em bases conceituais consistentes, tanto no que se refere à organização e gestão da Comissão Local, como também para a aplicação dos processos museológicos. Tivemos uma base conceitual como ponto de partida e a ampliamos e enriquecemos ao longo do caminhar – seminários para organização e estruturação da comissão, grupos de estudo, *merendas acadêmicas*,⁹ cursos de extensão, elaboração de projetos com aplicação em diferentes contextos, pesquisa sobre o perfil dos museus do Estado –. Desse modo, a ação e a reflexão foram responsáveis por agregar à iniciativa a produção e a democratização de conhecimento. Foi a base conceitual que nos deu segurança para deflagrar o processo de implantação de uma política, a partir da iniciativa, com consistência, sabendo, entretanto, que o conhecimento produzido nos permitiria lançar um outro olhar sobre o nosso caminhar.

A atuação conjunta de profissionais de diferentes áreas e contextos, estagiários e membros de diferentes comunidades, possibilitou o desenvolvimento de habilidades comunicativas, por meio de uma prática educativa integrada, participativa e permanente, criando, por meio da ação dialógica, verdadeiras comunidades de aprendizagem. Sirvent (1984), analisando a relação entre a educação, formal e a não formal, sugere que é possível organizar uma ação educativa complexa, que seja resultante de uma rede de interação entre diversos recursos

9 As “Merendas Acadêmicas” foram encontros realizados a cada mês em um museu da Cidade do Salvador, com o objetivo de discutir e divulgar monografias, teses e dissertações, programas e projetos dos museus, democratizando o conhecimento e estimulando a construção de novos projetos de pesquisa, motivando os museus para a produção do conhecimento, a partir da aplicação do processo museológico.

educativos. Não se trata de somar ou de adicionar componentes isolados, mas de integrar os mesmos em torno de objetivos educacionais comuns. Nessa rede, insere-se a educação formal ou uma redefinição de seu papel frente à comunidade e aos recursos educativos não formais da mesma.

Ressaltamos que as parcerias foram essenciais para a alimentação e reatualização dessa rede de aprendizagem. Por outro lado, as pesquisas realizadas e o exercício de produção dos textos para publicação, assumidos como compromisso do grupo, desde o início das atividades, em 2003, permitiram, não só o exercício da ação-reflexão, como abriu um leque de opções para a escolha de temas de monografias, teses e dissertações que já vêm sendo realizadas nos cursos de Pós-Graduação implantados, em nosso País e no exterior.

Do ponto de vista operacional, destaco que, apesar da ênfase dada à iniciativa para a implantação do Eixo 3 da PNM na Bahia, o caminhar nos mostrou que, para que a transformemos em ação concreta, é necessário que haja organização e gestão empenhadas em estimular a capacidade de criar, de ousar e agir, com determinação, promovendo e estimulando novas iniciativas.

A estruturação do grupo se deu, gradualmente, quando os princípios básicos acima mencionados foram colocados em prática, a partir da definição da missão da Comissão, construída pelo grupo, de forma coletiva, tendo como ponto de partida as diretrizes traçadas para a Política Nacional de Museus. Dessa forma, foi sendo constituído um sistema orgânico, com os membros do grupo comunicando-se por meio da formação de equipes, com troca de informações e de conhecimento. As reuniões gerais, convocadas pela Coordenação-Geral, permitiam que o grupo se encontrasse para tomar decisões sobre o trabalho a ser desenvolvido, para o planejamento das ações e divisão do trabalho. A participação, então, deu-se por meio de:

- Definição da missão, dos objetivos e metas;
- Discussão de estratégias para atingir as metas;
- Deliberação sobre os meios para alcançar os objetivos;
- Definição de pessoal, atribuições, planejamento e execução das ações;
- Acompanhamento e avaliação contínua.

A avaliação acompanhou todas as etapas dos projetos de forma permanente e sistêmica, tendo sido necessário, em determinados momentos, intensificá-la. A sua prática se deu em grupo e de forma participativa, pois não foi uma atividade individual; requereu a opinião e as propostas do grupo de trabalho, em conjunto. Assim, a avaliação foi um processo educativo. Foi conhecimento, crítica e autocrítica, e gerou reflexão e compreensão do andamento das diversas etapas do trabalho e suas relações com a Política Nacional de Museus.

A seguir, apresentamos um quadro-resumo das ações desenvolvidas no Projeto-Bahia do Eixo 3 da Política Nacional de Museus - PNM (2005):

Quadro I – Ações no Projeto-Bahia

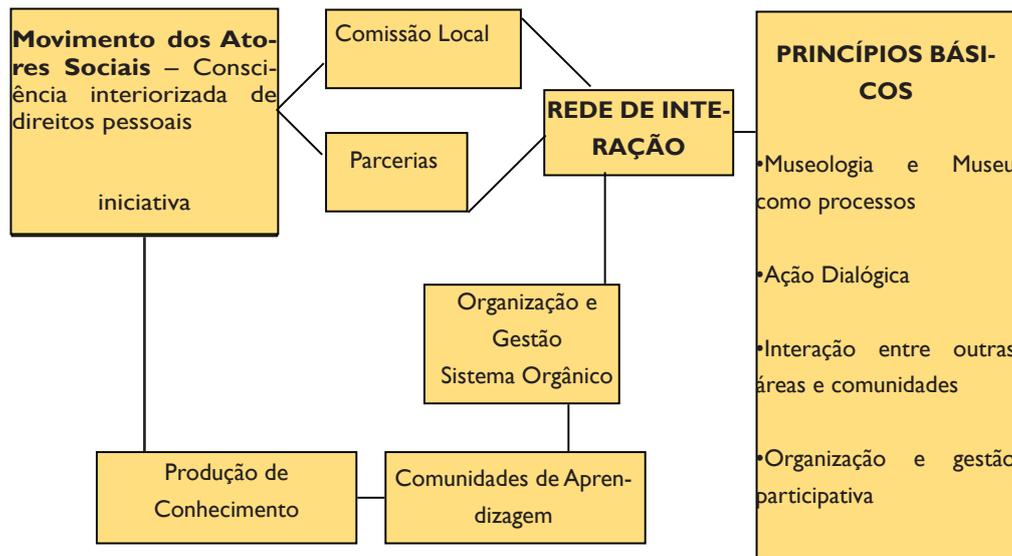
PROJETO-BAHIA - ATIVIDADES		
Encontros Museológicos	6	287 pessoas
Cursos de Extensão	5	352 participantes, 8 projetos
Projeto Museológico	1	Seminário com 80 participantes
Seminários, no Interior	7	Participação de 27 municípios
Encontros - "Merenda Acadêmica"	10	350 participantes em média
Publicação	1	1500 exemplares
Grupo de Estudo	1	60 h/aula com 58 participantes
Projetos de Mestrado	1	Com adesão de 2 universidades portuguesas e 3 museus da UFBA
Oficinas, no Interior do Estado	2	80 participantes (Oficinas para professores)

Do ponto de vista do desenvolvimento pessoal e profissional, acredito mesmo que este tenha sido um grande exercício de aprendizagem e de abertura de campo de trabalho para todos que atuaram nessa ampla rede de interação. O estímulo à reflexão e à aplicação do conhecimento, em diferentes contextos, na capital e no interior, tornou possível reduzir o distanciamento entre o discurso e a prática, entre a academia, as instituições museológicas e os atores sociais que estavam envolvidos com o fazer museal. A elaboração do Projeto de Mestrado em Museologia, na UFBA, resultado da demanda identificada no diagnóstico realizado no Projeto-Piloto, estimulou a consolidação de linhas de pesquisa para o Programa de Pós-Graduação. Por outro lado, os cursos de extensão e os seminários, realizados nas cidades-polo, possibilitaram aos profissionais e estagiários a oportunidade de conhecer de perto as reais condições dos nossos museus, permitindo, também, a troca de informação, a democratização do conhecimento e o estímulo à avaliação dos processos museais, identificando pontos críticos e pontos fortes, abrindo amplas possibilidades para a realização de novos projetos. Ressalto que este caminhar deu novo alento aos profissionais e estagiários de Museologia, não só por ter contribuído, efetivamente, com a implantação do Eixo 3 da PNM, na Bahia, como também pelas possibilidades criadas para a divulgação do nosso campo de atuação e absorção dessa mão de obra qualificada, na Capital e no interior do Estado, abrindo amplas possibilidades para que os museus pudessem atuar como polos de desenvolvimento regional.

Essa construção conjunta permitiu ao grupo adquirir e produzir conhecimento, não só em relação aos aspectos relacionados à gestão e organização de museus, como também em relação aos aspectos teórico-metodológicos da Museologia. Constatou-se, por exemplo, que práticas museológicas participativas podem ser desenvolvidas em diferentes tipologias de museus, dependendo somente da concepção de museu e de Museologia que estão sendo adotadas na aplicação da ação museal e da disposição dos atores sociais para legitimá-las, por meio da ação dialógica, do compartilhamento de informações e de experiências, bem como do comprometimento.

No fluxograma, a seguir, é apresentada uma síntese da concepção adotada para a implantação do eixo 3 da PNM, na Bahia, a partir do movimento dos atores sociais:

Quadro 2 – Implantação do Eixo 3 da PNM: base conceitual e operacionalização



Em relação à implantação da Política Nacional de Museus, a experiência do Projeto-Bahia tornou possível apontar as seguintes considerações:

Do ponto de vista da participação, avalio que o Projeto-Bahia da PNM teve um diferencial importante: a participação não aconteceu somente no momento da formulação das propostas, ela teve continuidade e foram criados vários canais de comunicação. Esse procedimento nos levou a concluir que, ao assim proceder, estávamos provocando uma mudança de atitude, tanto em relação aos que estavam nos cargos de direção e de coordenação quanto aos profissionais que estavam atuando nos museus e no desenvolvimento dos processos museológicos. Em relação a estes últimos, a convocação para a participação continuada indica que não basta elaborar os documentos e cobrar a sua execução. É necessário estar atento, planejar, executar, avaliar, propor e cobrar; entender que somos responsáveis por alimentar esse rico processo de interlocução, assumindo erros e acertos. Este novo cenário exigiu, sobretudo, transparência, presteza, atenção e desejo de que os projetos se transformassem em realidade, sem o que, acredito, continuaremos com os mesmos pontos críticos, tantas vezes apontados em documentos e seminários.

Em 2015, decorridos doze anos desde o término das ações desenvolvidas no Projeto-Piloto do Eixo 3 da PNM, em Salvador, iniciando os preparativos para uma palestra que seria proferida no VII Encontro de Estudantes de Museologia (ENEMU), em Pelotas, solicitei aos profissionais que estiveram envolvidos nas diversas ações do Projeto-Bahia, muitos dos quais estavam atuando como museólogos em diferentes instituições e como professores dos cursos que foram criados no País, que dessem seus depoimentos, destacando os resultados que consideravam tenham sido alcançados. Da análise do discurso dos que atenderam à solicitação, pude levantar os seguintes aspectos:

- Interação com diferentes gerações, com diferentes instituições, estudantes e profissionais de outras áreas e campos de atuação;
- Conhecimento sobre a realidade museológica do Estado da Bahia;
- Esperança e confiança de inserção no mercado de trabalho;

- Preparação para aplicação das ações propostas pelo Eixo 3 da Política Nacional de Museus;
- Reciclagem e estímulo para a produção de conhecimento;
- Contato com a realidade museológica de diferentes Estados;
- Sentimento de bem-estar e de inserção no campo museológico, com alegria e prazer de estar contribuindo para a formulação e implantação de uma política museológica para o País;
- Segurança na atuação profissional, novas perspectivas de ação;
- Vivência teórica e prática, melhoria da qualidade do ensino no curso de Museologia da UFBA;
- Consciência dos limites da atuação do museólogo – interação com os sujeitos sociais, em diferentes contextos –;
- Mudança na vida acadêmica e profissional.

Considero que a Comissão de Salvador foi um exemplo no sentido de que é necessário estar mobilizado, atento e disposto a continuar lutando por nossos ideais. A análise do nosso discurso, ao longo do caminho histórico indica que é necessário envolvimento, disposição para o trabalho cooperativo e senso crítico. Por outro lado, consideramos que as iniciativas locais é que dão vitalidade à PNM e ao Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), contribuindo para que suas propostas não fiquem “engessadas” na burocracia, e na razão instrumental do Estado, não se limitando aos museus vinculados, mesmo porque é finalidade do Instituto, dentre outras, constantes em sua Lei de criação, no 11.906/2009 propor e implementar projetos, programas e ações para o setor museológico, bem como coordenar, acompanhar e avaliar as atividades deles decorrentes. Portanto, reconhecemos, como da maior relevância, a continuidade da promoção de atividades descentralizadas e o incentivo à participação local, aumentando a capilaridade do IBRAM, inclusive fornecendo os subsídios necessários para que os museus possam ter como referencial para a aplicação das ações museológicas, o Estatuto dos Museus e seus Planos Museológicos, o que ainda não foi conseguido, em nível satisfatório.

Sabemos, entretanto, que, no momento, não há somente uma pedra, há grandes pedreiras, no meio do caminho. Encontrar as brechas e outros caminhos, depende do nosso distanciamento e olhar atento sobre o *escuro de nosso tempo*, com compromisso, capacidade de ousar e determinação. É preciso recriar novas réguas e compassos, **apesar de**.

A chama é bela e alta: cantemos a canção da vida

A vida é um incêndio: nela dançamos salamandras mágicas.
Que importa restarem cinzas se a chama foi bela e alta?
Em meio aos toros que desabam, cantemos a canção das chamas!
Cantemos a canção da vida, na própria luz consumida...

Mário Quintana (2008, p. 490)

As articulações entre as trajetórias e as narrativas que nos conduziram para a construção de uma sociedade democrática, nos fazem lançar um outro olhar sobre contribuições significativas para o desenvolvimento do campo museal, bem como para os problemas de nosso tempo. Embora meu foco nesta narrativa tenha sido estruturado a partir de recortes da minha atuação

na UFBA, tendo como referencial o tema proposto pelos organizadores do SEBRAMUS para a mesa temática, não posso deixar de ressaltar a participação ativa dos demais cursos, dos profissionais, dos estudantes e dos vários atores sociais que se alinharam à nossa esperança democrática, aos nossos sonhos de liberdade. Todos contribuíram, efetivamente, para a construção de novos paradigmas, resultado de abordagens colaborativas, de nossa autonomia, flexibilidade e capacidade de ousar, exercidas nas atividades de pesquisa, ensino e extensão, realizadas nos diversos cursos de Museologia implantados em várias regiões do nosso País, conquistas importantes da sociedade democrática. O curso de Museologia da UFBA amadureceu e, com o esforço de seu corpo docente conseguiu avançar, reestruturar o seu currículo, mais uma vez, e implantar a Pós-Graduação. É com orgulho que registamos a existência de quinze cursos de graduação, cinco mestrados e um doutorado no Brasil. Mudamos nós, o mundo e a Museologia.

O movimento estudantil, reiniciado timidamente no I Fórum Nacional de Museus, realizado em Salvador, no período de 13 a 17 de dezembro de 2004, cresceu e trouxe novas perspectivas de ação, com sopros de juventude para nossa maturidade. Não me canso de afirmar que considero a troca de experiências entre diferentes gerações como um dos maiores ganhos do processo educativo, que devemos cultivar ao longo de toda a vida.

Hoje, nos orgulhamos de operar com a Museologia que está aberta às múltiplas realidades, que lança um olhar diferenciado sobre a cidade, sobre os territórios e sobre os movimentos sociais, que contribui para o crescimento do técnico, que se abre para o crescimento conjunto, para a interação com as comunidades e com profissionais de outras áreas e campos de atuação, reconhecendo seus limites e assumindo seu compromisso social, por meio de uma práxis multidimensional e pluriparticipativa. (Santos, 2018)

Não posso deixar de registrar, também, que nossas concepções de museu e de Museologia contribuíram com a formulação, regulamentação e implantação de Políticas Públicas para o setor e para a criação do Instituto Brasileiro de Museus. Penso que a criação do IBRAM fortaleceu o campo, possibilitou a construção de políticas públicas, de normas e de instrumentos necessários para sua aplicação, promovendo o diálogo com o campo museológico, com órgãos setoriais nos âmbitos nacional, internacional e com a sociedade. Acredito que um dos aspectos mais importantes de sua atuação foi essa abertura para a interlocução, promovendo a escuta e a participação, não somente com os museus vinculados, mas com as instituições museológicas de todo o País e do Exterior. Hoje, contamos com Plano Nacional de Cultura, com uma Política Nacional de Museus, com o Plano Nacional Setorial de Museus e com o Estatuto dos Museus. E, o que é mais importante, instrumentos formulados tendo como referencial os princípios fundamentais apresentados a seguir¹⁰:

- A valorização da dignidade humana;
- A promoção da cidadania;
- O cumprimento da função social;
- A valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental;
- A universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural;
- O intercâmbio institucional.

10 Princípios básicos apresentados no Estatuto dos Museus – Lei No 11904 de 14 de janeiro de 2009.

Não posso deixar de citar, também, a Recomendação da Unesco Referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade – Paris, 20 de novembro de 2015 – que afirma serem os museus cada vez mais vistos, em todos os países, como tendo um papel chave na sociedade e como fator de promoção à integração e coesão social, documento fundamental para repensar os museus, na contemporaneidade, resultado da liderança do IBRAM junto aos Países da Ibero América e de suas gestões junto à UNESCO.

Destaque importante deve ser dado, também, ao espaço de interlocução entre os cursos de Museologia, criado no Fórum Nacional de Museus e, posteriormente, à Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia, que, nos encontros realizados em Petrópolis-2012 e no Rio de Janeiro-2013, inspirou os professores e pesquisadores do campo da Museologia para a organização do Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS), com o desafio de ser um encontro de construção solidária e dialógica da Museologia no cenário nacional. Hoje, um espaço de discussões acadêmicas, de renovação, estímulo, afeto e divulgação do conhecimento. Celebremos, pois, a realização do IV SEBRAMUS, com alegria, embora estejamos enfrentando muitos retrocessos, desalentos e desrespeitos em relação às Universidades Públicas Brasileiras.

Como registrei em entrevista recente à *Revista Musas* (Santos, 2018), prefiro acreditar que vamos continuar avançando. A chama continuará acesa. Muitas barreiras já foram vencidas e acredito que os brasileiros que tiveram a oportunidade de vivenciar, na prática, os resultados advindos de projetos que tiveram como suporte o patrimônio cultural, estarão atentos e dispostos a continuar lutando por seus direitos à memória. Entretanto, considero que não podemos ser ingênuos e temos que reconhecer que estamos vivendo momentos tenebrosos. Acredito que teremos de continuar criando as possibilidades que a Museologia e a Educação têm de colaborar com a conquista de uma realidade social que supere as desigualdades. Nos embates, nos conflitos e na superação das dificuldades, crescemos e aprendemos muito. Os movimentos sociais estão nos mostrando que é possível a construção de uma nova cultura política, que reconhece o direito à memória e que nos instiga e nos desafia a aplicar ações museológicas em diferentes contextos, contribuindo para a realização de novas práticas sociais, bem como para a construção de novos patrimônios culturais. Valdo Barcelos (2006) nos chama a atenção para o fato de que:

O que estamos vivenciando hoje, nada mais é que o produto, o resultado, da ou das iniciativas humanas – autoritarismos, fanatismos, destruição ecológica, aniquilamento do diferente, desprezo pelas minorias – iniciativas e atitudes estas que, certamente, fizeram parte de escolhas, e que provavelmente não eram as únicas possíveis de serem feitas. (Barcelos, 2006, pp. 11-12)

Apesar de, temos que continuar nosso caminhar, buscando vencer nossas dificuldades em operar as partes e as totalidades, na complexidade da ação museológica contemporânea, que deixa explicitada sua dimensão humana e busca operar com temas tais como: ampliação da justiça social, do direito à memória, do respeito à dignidade humana, da compreensão de que os museus são espaços de convivência e de compromisso com o presente e com a melhoria da qualidade de vida. Assim como nosso mestre Paulo Freire, acredito que:

Não há prática educativa, como de resto nenhuma prática, que escape a limites. Limites ideológicos, epistemológicos, políticos, econômicos, culturais. Creio que a melhor afirmação para definir o alcance da prática educativa em face dos limites a que se submete é a seguinte: não podendo tudo, a prática educativa pode alguma coisa. (Freire, 1993, p. 47)

Os desafios são muitos. Contudo, falar dos processos museais e de sua aplicação nos diversos contextos, visando ao desenvolvimento sociocultural, sem encarar de frente as nossas contradições, as nossas fraquezas, é uma falácia. A redução das desigualdades e, conseqüentemente, dos processos de exclusão, está diretamente relacionada à nossa mobilização para a participação, desde que estejamos interessados em construí-la. Reafirmo, pois, a minha esperança nos homens e na sociedade do futuro, apesar dos problemas que estamos vivenciando. Assim como Cora Coralina (2007), compreendo que:

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.

Creio numa força imanente
que vai ligando a família humana
numa corrente luminosa
de fraternidade universal.
Creio na solidariedade humana.
Creio na superação dos erros
e angústias do presente.

Acredito nos moços.
Exalto sua confiança,
generosidade e idealismo.
Creio nos milagres da ciência
e na descoberta de uma
profilaxia futura
dos erros e violências do presente.

Aprendi que mais vale lutar
Do que recolher dinheiro fácil.
Antes acreditar do que duvidar.
(Coralina, 2007, p. 155)

Portanto, que importa restarem cinzas se a chama foi alta e bela? Cantemos as canções da vida. Assim, com fé, faremos novas caminhadas. Afinal, a história continuará sendo possibilidade, e não determinação: “Apesar de você amanhã há de ser outro dia”. (Buarque, 1989).

Referências

- BARCELOS, Valdo. O mundo como um texto: Uma alternativa pedagógica em educação ambiental. *Anais da 29.ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*, Caxambu, MG, 2006.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Resolução no 14, de 27 de fevereiro de 1970 (fixa os mínimos de conteúdo e duração dos Cursos de Museologia).
- BRASIL, Ministério da Cultura. Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, (cria o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram).
- BUARQUE, Chico. *Letra e música*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. São Paulo: Global, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Política e Educação: ensaios*. 5.ed. São Paulo: Editora Cortez, 1993. Col. Questões de nossa época.
- GIL, Gilberto. *Todas as letras: incluindo letras comentadas pelo compositor*. RENNO, Carlos (Org.). São Paulo, Companhia das letras, 1996.
- HABERT, Nadine. *A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. São Paulo: Ática, 1992.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARTINS, Raimundo; RIBEIRO, José da Silva Ribeiro. Narrativas, arte e contemporaneidade. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 2, n. 4, p. 11-18, jan./abr. 2017.
- MENSCH, Peter Van. *Object, museum, Museology, an “eternal triangle”*. Leiden: Reinwardt Academie, 1987.
- MOUTINHO, Mario C. Entre os museus de Foucault e os museus complexos. *Revista Musas*, Setúbal. 2014.
- NASCIMENTO JÚNIOR, José; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Política Nacional de Museus*. Brasília: Ministério da Cultura, 2007.
- NUNES, Verônica Maria Meneses (Org.). *Memória do Fórum Nordestino de Museologia*. Aracaju: IPHAN, 2000.
- POLÍTICA Nacional de Museus - Relatório de Gestão 2003-2006*. Brasília: Ministério da Cultura, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2006.
- POLÍTICA Nacional de Museus – Relatório de Gestão 2003-2010*. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus, 2010.
- QUINTANA, Mario. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2008.
- RICOEUR, Paul. A marca do passado. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n.º 10, dez. 2012.
- SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Museu, escola e comunidade: uma integração necessária*. Salvador: Burear, 1987.
- _____. A formação do museólogo e o seu campo de atuação. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no 18, p.169-198, 2002.
- (Org.). *Política Nacional de Museus: Programa de Formação e Capacitação em Museologia – Eixo 3* / Ministério da Cultura do Brasil, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. Salvador: MINC/IPHAN/DEMU, 2005.
- _____. *Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN/DEMU, 2008.
- _____. Demandas e desafios para a formação Contemporânea em Museologia. Texto apresentado no II Encontro Nacional da Rede de Professores Universi-

tários do Campo da Museologia, realizado em Salvador / Cachoeira – Bahia, de 24 a 26 de agosto de 2009. Trabalho não publicado. Acervo particular da Profa. Maria Célia Teixeira Moura Santos.

_____. Um compromisso social com a Museologia. *Cadernos do CEOM* – Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, Chapecó-SC, ano 27, no 41, 2014.

_____. O Curso de Museologia da UFBA: retrospectivas e perspectivas. Texto apresentado no VIII Encontro Nacional de Estudantes de Museologia II Encontro Regional de Estudantes de Museologia – Região Sul. Rumos da Museologia e de seu Movimento Estudantil no Século XXI. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) -24 a 29 de agosto de 2015. Trabalho não publicado. Acervo particular da Profa. Maria Célia Teixeira Moura Santos.

_____. Entrevista para a Revista Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia, no 8, 2018. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Educação, ideologia e contra-ideologia*. São Paulo: EPU, 1986.

SIRVENT, Maria Teresa. (Org.). *Educação Comunitária: a experiência do Espírito Santo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Câmara de Ensino de Graduação. Parecer no. 152/70*. Salvador, no dia 25 de agosto de 1970. Dispõe sobre a vinculação do Curso de Museologia na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Acervo FFCH/UFBA.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Departamento de História. *Parecer do Curso e Currículo de Museologia*. Salvador, no dia 01 de julho de 1970. Dispõe sobre opção de implantação do Curso de Museologia no Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Acervo FFCH/UFBA.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Superintendência Acadêmica. Colegiado do Curso de Museologia*. Salvador, 1973. Dispõe sobre grade curricular do Curso de Museologia. Acervo particular da Profa. Maria Célia Teixeira Moura Santos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Departamento de Museologia. *Proposta de Reforma do Currículo do Curso de Museologia*. 1996. Documento não publicado. Acervo da Profa. Maria Célia Teixeira Moura Santos.

Recebido em 01 de agosto de 2019

Aprovado em 30 de setembro de 2019